



De Lobinho a Pioneiro

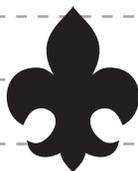


A criança e o jovem
com quem lidamos



DE LOBINHO A PIONEIRO

A CRIANÇA E O JOVEM
COM QUEM LIDAMOS



UM ESTUDO



ESCOTEIROS
DO BRASIL

União dos Escoteiros do Brasil

Rua Coronel Dulcídio, 2107 - Bairro Água Verde - CEP: 80250-100 Curitiba - PR

Tel: 41 3353-4732 - Fax: 41 3353-4733 - www.escoteiros.org.br

14ª Reimpressão | 1000 exemplares

Agosto de 2019

Índice

APRESENTAÇÃO	5
CONSIDERAÇÕES GERAIS	7
A INFÂNCIA INTERMEDIÁRIA	11
A PRÉ-ADOLESCÊNCIA	25
A ADOLESCÊNCIA	37
OS PERÍODOS DE DESENVOLVIMENTO E OS RAMOS NO ESCOTISMO BRASILEIRO	51

APRESENTAÇÃO

Em 1988, a Asociación de Guías y Scouts de Chile solicitou a uma equipe de profissionais da Educação que desenvolvesse um estudo sobre o desenvolvimento evolutivo de crianças e jovens na faixa etária entre 7 e 21 anos, buscando compreender os processos que constituem a base de seus comportamentos observáveis ¹.

Desse estudo resultou um documento de trabalho que vem orientando os esforços daquela Associação para estabelecer uma correspondência mais efetiva entre sua proposta educativa e as características das crianças e dos jovens chilenos.

O estudo divide a faixa etária atendida pelo Movimento em três períodos de desenvolvimento, cada um deles contendo duas fases.

Para cada período, o estudo apresenta um perfil de crianças e jovens segundo a ótica das seis áreas de desenvolvimento cobertas pelo Programa Escoteiro.

No âmbito da Asociación de Guías y Scouts de Chile, o estudo serviu de referência para:

(a) revisão e definição do número de Ramos e de suas subdivisões, que considerou, além do próprio estudo, outras variáveis relacionadas com a motivação e com a estratégia educativa própria do Escotismo; e

(b) formulação dos objetivos educacionais a serem perseguidos, em cada Ramo, de forma a assegurar a conquista dos Objetivos Finais definidos de acordo com o Projeto Educativo.

Embora suas conclusões tenham considerado, como não poderia deixar de ser, a criança e o jovem medianos na sociedade chilena, parece bastante razoável supor - em razão de sua própria característica de “média”, isto é, meio termo mais frequente em um universo, das diversas similitudes existentes entre as sociedades chilena e brasileira e, principalmente, da identidade do Escotismo que se pratica nos dois países - que o mesmo estudo, devidamente adaptado, possa ser utilizado, no âmbito da União

¹ A equipe foi constituída por Rosário Correa L., Psicóloga, Oscar Pizarro, Orientador e Professor de Geografia e História e Luiz Morales P., Professor de Educação Básica Geral.

dos Escoteiros do Brasil, para orientar as voltadas ao conhecimento das crianças e dos jovens, ministradas em nossos Cursos de Formação.

Assim, o que se apresenta neste trabalho é uma tentativa de validar, para o nosso universo, o esforço já desenvolvido pelos companheiros chilenos. Não se trata, portanto, de uma simples tradução do documento elaborado no Chile; o processo de tradução se fez acompanhar de profunda reflexão sobre cada ideia, buscando aproximar da realidade brasileira as conclusões extraídas do exame meticoloso de uma outra realidade, diversa, mas não antagônica.

Sem nenhum receio de estarmos descaracterizando a obra original, introduzimos, onde nos pareceram necessárias, as modificações ditadas pelas diferenças de realidade. O uso dessa publicação nos Cursos de Formação há de permitir, com certeza, seu aperfeiçoamento, mediante a incorporação de sugestões e modificações ditadas pela vivência e pelas experiências pessoais dos que ministram e dos que frequentam esses Cursos.

Que não se subtraíam, daqueles que elaboraram o estudo, ou daqueles que, em boa hora, tiveram a ideia de encomendá-lo e colocá-lo ao alcance de outras Associações Escoteiras, os méritos e os agradecimentos que lhes são devidos ².

Aliás, essa tentativa de “queimar etapas”, explorando o esforço já desenvolvido, só é possível porque se reconhece a qualidade do documento original.

Foi assim, adotando, adaptando e incorporando as boas ideias que se somaram à concepção original de Baden-Powell, que o Escotismo se espalhou e se consolidou em todo o mundo.

2 Ao tempo em que a Asociación de Guías y Scouts de Chile contratou a realização do estudo, Gerardo Gonzalez E. ocupava o cargo de Comissionado General; o mesmo Gerardo Gonzalez E., agora como Diretor Regional da Oficina Scout Interamericana, colocou o estudo à disposição dos que frequentaram o curso de imersão Total para Executivos Escoteiros, ministrado pela OSI em junho/julho de 1993.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Inicialmente, a palavra desenvolvimento foi um termo empregado em Biologia para tratar do crescimento fisicamente observável do tamanho ou da estatura de um organismo durante um determinado período.

Aplicado às ciências do comportamento, o termo denota os processos vinculados ao passar do tempo, as alterações progressivas do funcionamento adaptativo, a passagem gradual de um estado de menor capacidade de diferenciação, especialização e ajuste para um outro em que seja maior essa capacidade. É um processo dinâmico que ocorre no indivíduo, sujeito ativo do seu próprio desenvolvimento.

Como processo gradual, cada passo cumpre o papel de antecedente para o passo seguinte, o que explica porque não existem, no desenvolvimento normal, alterações bruscas, que não possam ser relacionadas com comportamentos anteriores já observados no mesmo indivíduo.

As transformações próprias do desenvolvimento se apresentam ordenadas e inter-relacionadas no tempo, mas não se subordinam a um calendário padronizado. Há que se considerar que cada indivíduo tem seu tempo e seu ritmo de desenvolvimento.

Entende-se por tempo de desenvolvimento o momento em que se manifesta um determinado comportamento ou acontecimento (a primeira menstruação aparece, em algumas meninas, por volta dos 10 anos, enquanto que, em outras, só se manifesta lá pelos 13, e ambos os tempos são considerados normais).

Por outro lado, o ritmo de desenvolvimento se refere à curva que caracteriza um determinado processo em cada indivíduo. Por exemplo: um menino alcança em três meses um grau de alfabetização que outros só conseguem alcançar após quase um ano, sendo esta diferença um produto das características que fazem de cada indivíduo um ser único e diferenciado de todos os demais.

Além disso, o desenvolvimento é um processo decorrente de múltiplas causas.

Está condicionado por fatores endógenos (próprios de cada indivi-

duo) e por fatores exógenos (meio ambiente), sendo afetado pela maturidade e pela aprendizagem.

As pessoas podem apresentar, e realmente apresentam, diferenças importantes, como resultado da interação dessas variáveis. Crescer numa pequena cidade interiorana não é o mesmo que crescer nos grandes centros urbanos, da mesma forma como é diferente crescer numa favela ou num bairro de classe média alta; as condições em que se desenvolve uma criança abandonada ou extremamente reprimida não são as mesmas que marcam o desenvolvimento de uma criança criada com afeto e estimulada pelos pais.

Cada situação gera condições diferentes de desenvolvimento que, em cada criança ou jovem, vão repercutir de uma forma diferenciada, ensejando maior ou menor desenvolvimento desse ou daquele aspecto e fazendo com que varie, por exemplo, a época do surgimento de algumas características físicas.

É importante que se destaque que, em termos de desenvolvimento, a idade não é senão uma forma de medir o tempo. A idade, por si só, não explica nem é causa de nenhum comportamento e, por isso, não é possível, quando se trata de idade, fixar limites rígidos.

Para esse estudo, foram adotadas algumas opções ditadas pela teoria e pela prática que o Movimento já consolidou ao lidar com crianças e jovens, correndo-se o risco e a vulnerabilidade resultantes da adoção de opções que visam simplificar o trabalho.

Para uma melhor compreensão do processo de desenvolvimento, foram utilizados no estudo certos recursos de organização, identificando períodos e fases.

O desenvolvimento apresenta ciclos, isto é, há um momento em que aparecem conquistas, logo seguidas por outras que decorrem das anteriores e consolidam a evolução. Assim, o processo, como um todo, é um somatório de momentos em que o organismo cumpre certas tarefas de desenvolvimento. Esses momentos se sucedem ao longo do tempo, o que permite dizer, por exemplo, que o período da infância intermediária (momento caracterizado por um conjunto definido de alterações e conquistas) se situa, cronologicamente, entre os sete e os dez anos e meio, mais ou

menos. Isto se pode afirmar porque existem tarefas de desenvolvimento que organizam e dão sentido a esse momento e permitem considerá-lo um período.

Ao longo de cada período, por sua vez, varia a forma como se enfatizam alguns aspectos dentro do processo; surgem tarefas mais precisamente definidas, que guardam relação com outras já realizadas ou por realizar, e marcam fases dentro de cada período.

Pode-se afirmar que as características mais importantes das transformações que constituem o desenvolvimento são as seguintes:

- são comuns a todos os indivíduos da espécie, no que se refere à estrutura do fenômeno, embora não o sejam quanto a comportamentos concretos;
- são irreversíveis, salvo quando o processo de desenvolvimento sofre os efeitos de qualquer anormalidade, representando passos de um avanço progressivo rumo à organização de um comportamento efetivo para enfrentar as exigências da vida;
- são qualitativas, determinando modificações, em maior ou menor grau, na organização do sistema, como um todo;
- correspondem a um processo constante de generalização e diferenciação; e
- cada conquista se apoia em uma anterior e tem continuidade em uma conquista subsequente.

Neste estudo, o processo de desenvolvimento evolutivo de crianças e jovens foi analisado e relacionado com as áreas de desenvolvimento em que se faz sentir a ação educacional do Movimento Escoteiro (desenvolvimento físico, intelectual, social, afetivo, espiritual e do caráter), tendo por resultado um conjunto de perfis por área em cada fase ou período.

A faixa etária objeto do estudo foi decomposta em três períodos de desenvolvimento:

* A infância intermediária, que vai dos 7 anos aos 10/11 anos, com as fases de infância média e infância tardia.

* A pré-adolescência, que compreende dos 10/11 aos 14/15 anos, com as fases de pré-puberdade e puberdade.

* A adolescência, que se inicia aos 14/15 anos e se prolonga até os 20/21 anos, com as fases de primeira adolescência e idade juvenil, ou segunda adolescência.

Para ordenar melhor o estudo, a abordagem de cada período atravessa os seguintes passos:

1. Breve descrição do período.
2. Descrição do desenvolvimento físico.
3. Descrição do desenvolvimento intelectual.
4. Descrição do desenvolvimento social.
5. Descrição do desenvolvimento afetivo.
6. Descrição do desenvolvimento espiritual.
7. Descrição do desenvolvimento do caráter.
8. Fases e ênfases correspondentes diagnosticadas em cada período.

A INFÂNCIA INTERMEDIÁRIA

A INFÂNCIA INTERMEDIÁRIA

I. BREVE DESCRIÇÃO DO PERÍODO

A infância intermediária é o período de desenvolvimento compreendido entre os 7 e os 10/11 anos de idade, aproximadamente.

Os aspectos mais relevantes neste período são o abrandamento no crescimento corporal, que assume um aspecto mais suave, em confronto com o que se verificou na primeira infância, quando o desenvolvimento físico foi bem mais acelerado; a abertura da criança para o mundo exterior, saindo dos limites do lar ou de instituições que o simulam (creches, escolas maternas ou jardins de infância); a intensa atividade de recreação e socialização que a criança realiza em companhia de seus companheiros; a aparição do pensamento concreto, em substituição ao pensamento mágico; e o início do processo de autonomia da criança em relação aos seus pais e ao seu lar.

A escola e os companheiros ocupam grande parte da vida da criança, e suas maiores expressões são o grande ânimo para o esforço físico e a tendência aos jogos coletivos regulamentados.

2. O DESENVOLVIMENTO FÍSICO

O período se caracteriza pelo abrandamento do desenvolvimento corporal. A curva de crescimento, que vinha mostrando uma rápida progressão, tende, agora, à horizontalidade, para retomar o curso ascendente por volta dos 12 anos.

Este abrandamento é perceptível mais cedo nos meninos, que até os 9/10 anos apresentam peso e altura superiores aos das meninas, razão pela qual, por volta dos 10/11 anos, é comum que as meninas se apresentem maiores do que os meninos de mesma idade.

O abrandamento do crescimento físico se faz acompanhar de um maior desenvolvimento da musculatura, com o fortalecimento dos ossos e o arredondamento das formas.

As meninas apresentam maior proporção de gordura do que os meninos, enquanto nestes é maior a massa de tecido muscular.

O abrandamento do crescimento e a harmonia corporal permitem à criança desenvolver uma grande atividade física, sem experimentar o cansaço que seria de se esperar de tanto esforço.

O desenvolvimento muscular, o fortalecimento ósseo e a grande propensão à atividade física fazem com que a criança, durante esse período, necessite de uma boa quantidade de alimentos, quase sempre consumidos com avidez. Só a má educação alimentar, ensejando o surgimento de hábitos não muito saudáveis, explica a falta de apetite e o alto grau de exigência observados em algumas crianças.

Durante a infância intermediária, a criança saudável está em excelentes condições físicas, e sente necessidade de se manter em movimento, o que se expressa por um grande entusiasmo pelos esportes e pelas atividades ao ar livre.

As tarefas de desenvolvimento do período devem incluir atividades e práticas voltadas para a consolidação do desenvolvimento do organismo e da habilidade para jogos coletivos com regras.

3.O DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL

Este é o momento em que o mundo começa a ser encarado com objetividade; a criança já é capaz de se distanciar das coisas e observá-las com maior realismo, ainda que, no começo do período, realidade e fantasia se apresentem justapostas, ambas exercendo a mesma atração.

É a idade das operações intelectuais concretas, isto é, da ação do raciocínio sobre os objetos manipuláveis. Há, portanto, um avanço notável na capacidade de pensamento analítico, mas ainda aplicado a objetos concretos. Isto faz com que o mundo exterior alcance mais importância do que o interior, o que provoca uma alteração na imagem que a criança tem do meio ambiente e nas relações que com ele estabelece.

A atenção passa de flutuante a fixa, e aumenta a capacidade de concentração, assim como a capacidade de observação dos fenômenos do meio.

Vem daí um maior realismo e uma boa dose de precisão de detalhes em seus desenhos, bem como a definição parcial de seus interesses. Termina, por exemplo, o interesse pelo conto fantasia, que cede espaço ao interesse pelo relato de aventuras reais ou, pelo menos, possíveis.

Quando, ao final do período, alcança maior capacidade analítica, a criança chega a um tal nível de desenvolvimento que não lhe é possível aceitar, pura e simplesmente, alguns dos fenômenos comuns do meio ambiente, e começa a elaborar seu próprio pensamento, buscando explicações para os fenômenos que observa.

Aumenta muito a capacidade de memorização, especialmente quando se trata de experiências relacionadas com a ação, isto é, a criança memoriza aquilo que vive.

Também aumenta o desenvolvimento e o uso da linguagem. A criança chama os objetos pelos seus nomes corretos, é capaz de descrevê-los, reconhece sua utilidade e, ao término do período, é capaz de elaborar definições que os identifiquem. A criança é capaz de estabelecer um diálogo com o mundo e, por meio desse diálogo, compreender e organizar o meio em que se desenvolve.

O pensamento analítico que alcança neste momento não é abstrato, e a criança necessita continuar utilizando os sentidos para poder conhecer. O compreender ainda é, para a criança, olhar e tocar. As propriedades dos objetos (tamanho, forma e cor) se apresentam mais estáveis, e a criança compreende e usa a noção de distância, no tempo e no espaço.

Todas essas conquistas fazem da criança, na infância intermediária, um ser pleno de possibilidades, ansioso por saber e por demonstrar que sabe, capaz de descobrir, de criar e de manipular seu ambiente. Neste sentido, a criança pode e apresenta especial interesse e motivação para enfrentar e resolver problemas com que o meio a desafia, concebendo, por exemplo, máquinas ou elementos tecnológicos que traduzam soluções adequadas para problemas reais. Contudo, ao final do período, a criança se interessa mais por criar do que por fazer; em razão de sua capacidade para fazer coisas, e fazê-las bem, apresenta às vezes uma certa presunção ingênua, que a faz parecer um sabe-tudo ou um pode-tudo.

Já é capaz de tomar suas próprias iniciativas e se dedica com empenho às tarefas que escolhe.

Como resultado de sua maior capacidade de atenção e de observação, suas criações e desenhos se tomam detalhados e refletem a nova dimensão do mundo que está vislumbrando. Também enfrenta esse mundo por meio da dramatização e da mímica, com um bom nível de expressão e realismo.

Ao final do período, pode perder alguma estabilidade, em razão do aumento de sua capacidade crítica e do maior senso de ridículo ou de o que é que os outros vão dizer.

4.0 DESENVOLVIMENTO SOCIAL

A criança deixa o ambiente familiar, do lar, da creche, da escola maternal ou do jardim de infância, para ampliar seus horizontes, na escola de verdade . Ser membro de um grupo de companheiros, e não só de uma família, se lhe apresenta como algo excitante e sedutor, ao mesmo tempo que angustiante e opressivo.

A incorporação da criança à escola é o início de um processo gradual de desligamento de seus pais; a criança tende a ser mais independente, embora se sinta mais segura quando os tem por perto. Diante de seus companheiros, a criança evita demonstrar carinho por seus pais, o que não significa que não o tenha ou que não necessite recebê-lo.

A criança começa a formar grupos para jogos com seus companheiros, para satisfazer sua necessidade de gastar energia e como meio de atender à necessidade de adaptação social. É assim que nasce a turminha, a patota, uma sociedade de companheiros de um mesmo sexo CUJO principal objetivo é brincar e se divertir.

A turminha ou patota significa, para a criança, independência e imitação do mundo dos adultos; companheirismo e responsabilidade para com o grupo; oportunidades de diversão, de atividades sociais e de competição com outros grupos. Ao se integrar à turminha, ou à patota, a criança ini-

cia seu processo de adaptação à sociedade e de construção do seu próprio projeto de escala de valores.

Aos nove anos, a criança inicia uma nova fase dentro do mesmo período de desenvolvimento. O mundo exterior, que antes constitui a toda uma novidade, passa a ser, agora, analisado e criticado. Seu professor, que era perfeito, agora não lhe parece tão perfeito e, se continua parecendo, é porque a criança formou um juízo mais objetivo acerca de suas virtudes e, ainda assim, lhe concede total aprovação.

A mesma coisa acontece com a atitude da criança ante normas e regulamentos que lhe são impostos; anteriormente aceitos como parte integrante do jogo, as normas e os regulamentos passam, agora, a ser analisados e criticados, e a criança se dá conta de que ela e seus companheiros podem estabelecer seus próprios regulamentos e normas.

Lá pelo final do período, além do desenvolvimento da consciência crítica ante outras pessoas e ante o meio social, a criança tende a acelerar o ritmo de suas atividades sociais recreativas, a ampliar o círculo de companheiros, a organizar melhor o grupo e a aceitar a existência de uma liderança dentro dele. Prossegue, entretanto, a tendência a organizar grupos preservando a diferenciação por sexos.

Com o período quase encerrado, a criança inicia o processo de selecionar entre os companheiros de brincadeira aqueles com que tem mais afinidade, dando os primeiros passos rumo ao estabelecimento de amizades, que se verificará mais propriamente durante a pré-adolescência.

5.0 DESENVOLVIMENTO AFETIVO

O período se caracteriza por um aumento do sentimento da vida e pelo início do conhecimento de si próprio.

Aumenta na criança a capacidade para estabelecer relações de camaradagem. Essas relações crescem quantitativamente no começo do período, para restringir-se em número, e crescer em profundidade, ao final.

A criança começa a ter maior capacidade para dirigir voluntariamente

seus impulsos e processos psicológicos e agir dentro dos limites e de acordo com os padrões fixados pelos adultos, sendo, portanto, capaz de se comportar bem.

A afetividade, no seu todo, baixa de intensidade, com a ênfase e a energia do desenvolvimento canalizadas para o crescimento intelectual, muito notório e forte, e para a socialização, com a abertura e a preocupação com o mundo exterior.

Verifica-se, também, uma forte valorização dos companheiros e das manifestações de companheirismo e solidariedade, pois as crianças se concentram em sua capacidade para se relacionar e se comunicar com aqueles que lhes são mais significativos: os seus companheiros.

É um período importante, rico de transformações ditadas pela abertura para o mundo exterior, pela variação referente ao espaço das relações, pelo aumento do nível de exigência do ambiente. Tudo isso pode provocar na criança reações de ansiedade, angústia, medo e temor.

Como consequência do desenvolvimento da capacidade analítica, a criança começa a apresentar uma atitude mais crítica frente ao mundo que a envolve, frente à sua própria pessoa, aos demais, às normas impostas e aos professores. Esta atitude crítica é mais ampla do que profunda.

Também é própria desse período a necessidade de evitar o insucesso a qualquer custo e de se fazer notar, alcançando reconhecimento e aprovação. Este é um traço em que se evidenciam as diferenças entre os sexos, durante o período, já que os meninos procuram satisfazer tal necessidade por meio de provas de destreza, jogos e competições, enquanto as meninas dão preferência a fazê-lo por meio das relações interpessoais. Trata-se, portanto, de um momento importante no desenvolvimento da autoestima e da confiança em si próprio, essenciais para a conquista de uma adequada afetividade adulta.

No que se refere às relações com os pais, estas evoluem para um nível realista de dependência naqueles aspectos em que tal dependência é necessária e desejável, e a criança se comporta nos outros aspectos, tanto ante seus pais como ante outros adultos, de uma forma mais igualitária, pleiteando os mesmos direitos no que se refere aos espaços de circulação, ao respeito aos horários, à escolha de roupas, e à satisfação dos seus

gostos e interesses; a criança começa a tomar consciência de sua própria pessoa e do seu aspecto exterior, valorizando o modo de vestir, o penteado, e outros sinais.

No que diz respeito às expressões de afeto, as crianças que se encontram na primeira fase do período são mais expansivas e espontâneas do que aquelas que já se encontram na segunda fase, mais reservadas e seletivas.

6.0 DESENVOLVIMENTO ESPIRITUAL

Nos anos que constituem a infância intermediária, a criança se encontra voltada para fora, disposta à conquista espiritual do mundo, embora suas faculdades espirituais não estejam completamente desenvolvidas.

Um dos traços característicos do período é o desaparecimento gradual do pensamento mágico, tão rico e consistente nos anos anteriores, deixando espaço para o pensamento operacional concreto.

A criança se questiona continuamente, e aos que a rodeiam. Quer saber o sentido das coisas, e tem uma certa dificuldade em acreditar naquelas que não lhe são visíveis. Ainda não está plenamente instalada sua capacidade de abstração, que só se desenvolverá com o passar do tempo.

Diante de fatos que se apresentam como inexplicáveis e de fenômenos naturais ou humanos, a criança pede e busca explicações. Por isso é que a vida e a morte, por exemplo, atraem tanto sua curiosidade. Mas, com a mesma rapidez com que são formuladas, as perguntas caem no esquecimento, para ressurgir mais adiante, sempre que a criança não obtém respostas satisfatórias.

A espiritualidade pode se relacionar, embora isso nem sempre aconteça, com a consciência moral. A esta última se pode definir como “a visão das condições que determinam a retidão da vida e a santidade das ações: nossas ações serão julgadas de acordo com essa visão”. Vista dessa maneira, a espiritualidade tem algo a ver com um corpo valórico e, por esse caminho, se pode chegar à esfera religiosa.

Normalmente, a criança vai chegando a Deus por meio das perguntas

que faz e das respostas que recebe; neste aspecto, desempenham um papel muito importante os adultos que a rodeiam, que lhe transmitem suas ideias e impressões. Isto leva a uma relação mais direta com Deus, do mesmo modo que com um determinado credo. Quando a criança chega a se interessar mais por este Ser Supremo, a religiosidade deve se expressar de forma concreta, se possível ilustrada e representada.

Com esses elementos, a criança vai construindo um marco suficientemente amplo e claro, tanto para expressar sua espiritualidade como para tornar possível uma canalização de suas inquietudes.

Por isso, não se deve estranhar perguntas sobre a religião ou sobre a igreja. Pode ser que, em muitos casos, a criança frequente a igreja, levado pelos pais, mas logo perceberá que aquela não é a única, que existem outras, com outros personagens e princípios e, se as condições e o meio são favoráveis, descobrirá outras religiões.

Ao final, o conjunto de ideias, práticas e atitudes religiosas provenientes da família e de um meio mais amplo fará com que a religião se apresente aos olhos da criança como uma resposta às suas perguntas.

7.0 DESENVOLVIMENTO DO CARÁTER

Na infância intermediária, o caráter se orienta melhor para a linha da vontade e do sentido de valores.

Um aspecto mais claro, e que não sucedia na primeira infância, é o maior conhecimento de si mesmo. A criança começa a reconhecer suas capacidades e limitações, e vai adquirindo mais consciência do desenvolvimento que experimenta.

Surge a adesão a certos valores, tais como a verdade, a justiça e outros. Na realidade, a criança não faz mais do que descobrir a importância da justiça, que é, para ela, um valor absolutamente inflexível.

Por outro lado, se desenvolve muito rapidamente o ser social, em decorrência do afastamento do lar para frequentar a escola.

Outro aspecto é a passagem da heteronomia para a autonomia (o come-

çar a ser capaz de se desligar da opinião dos adultos). Até recentemente, os adultos regulamentavam seus jogos, enquanto agora, em conjunto com seus companheiros, a criança estabelece suas próprias regras ou disposições. É diferente do que ocorre com a autoridade, da qual ainda é dependente.

Gradualmente, a criança começa a assumir sua própria individualidade, reconhecendo-se igual aos outros (identificação com seus companheiros) e, ao mesmo tempo, diferente deles (um, entre muitos). Surge, aqui, uma forte tendência à própria valorização, e o mundo se lhe torna mais amplo, em muitos aspectos.

No conhecimento de si própria, a criança também deve se separar do mundo, e por isso se fala de uma objetivação do mundo.

8. FASES E ÊNFASE NA INFÂNCIA INTERMEDIÁRIA

O período de desenvolvimento da infância intermediária compreende duas fases distintas que, guardando as características comuns do período, apresentam algumas peculiaridades: a infância média, que se estende aproximadamente dos 7 aos 9 anos, e a infância tardia, que vai daí até os 10/11 anos.

Consideradas as áreas de desenvolvimento, são as seguintes as diferenças existentes entre as duas fases:

a) Desenvolvimento físico:

Na infância média, se inicia um processo de encorpamento, que se encerra na infância tardia.

Durante a infância média, meninos e meninas apresentam o mesmo tamanho, enquanto que, na infância tardia, as meninas costumam ser maiores do que os meninos.

b) Desenvolvimento intelectual

Durante a infância média, a criança se sente mergulhada no mundo e se confunde com ele, ao passo que, na infância tardia, começa a ver-se afastada do entorno e é capaz de elaborar algum pensamento analítico a respeito do mundo.

Com relação aos objetos, a criança que se encontra na infância média maneja com facilidade os conceitos de distância e peso, adquirindo, na infância tardia, a capacidade de manejar, com a mesma facilidade, os conceitos de volume e tempo.

Na infância média, aumenta na criança a capacidade de usar a linguagem, ampliando-se o vocabulário e a capacidade de distinguir objetos por suas características e utilidades. Na infância tardia, a criança já é capaz de definir os objetos, tomando por base o que há neles de mais essencial.

No que se refere à expressão, a criança tende a ser mais espontânea na infância média, enquanto que, na infância tardia, começa a aparecer o senso de ridículo, o que provoca uma certa inibição. Por outro lado, durante a infância média, a criança, quando se expressa, ainda se deixa levar pela fantasia, enquanto que, na infância tardia, tende a ser mais concreta e realista.

c) Desenvolvimento social

Na infância média, a criança descobre o mundo exterior e a ele se incorpora, aceitando-o como é, ao passo que, na infância tardia, começa a contemplá-lo de forma crítica. Como decorrência, a criança da infância média aceita as normas do mundo sem questioná-las, enquanto que, na infância tardia, é capaz de criticá-las e tende a estabelecer suas próprias regras.

Com relação aos seus companheiros, a criança da infância média convive com eles sem fazer maiores discriminações ou seleções, e essa convivência se efetua de forma inorgânica. Na infância tardia, a criança começa a discriminar entre seus companheiros, escolhendo e selecionando suas relações, e tende a organizar seus grupos de convivência.

Nos jogos, a criança da infância média aceita participar regendo-se por regras pré-estabelecidas, mas a infância tardia prefere fixar suas próprias regras para jogos e brincadeiras.

d) Desenvolvimento afetivo:

Durante a infância média, a criança expressa seus afetos com maior espontaneidade e a um número maior de pessoas, passando a controlar suas expressões de afeto, na infância tardia, ao mesmo tempo em que as canaliza de maneira mais seletiva.

Com relação aos pais, a criança da infância média continua sendo dependente deles e é capaz de expressar e receber publicamente manifestações de afeto. Na infância tardia, a criança tende a se tornar mais independente e as manifestações públicas de afeto chegam a constrangê-la.

Durante a infância média, a criança vive numerosas experiências de camaradagem e companheirismo, mais interessada em buscar formas de recreação, ao passo que, na infância tardia, é capaz, além disso, de traduzir seu senso de camaradagem e de companheirismo por meio de atitudes de solidariedade para com o grupo.

É próprio da infância média o descaso com seu aspecto físico externo e, frequentemente, a roupa se apresenta suja e desleixada. Já na infância tardia, começa a surgir uma certa preocupação com a aparência, que se traduz em cuidados com a roupa e com o penteado.

e) Desenvolvimento espiritual:

Durante a infância média, ainda subsiste alguma coisa do pensamento mágico do período anterior, que vai cedendo espaço, na medida em que a criança adentra a infância tardia, ao pensamento analítico com relação a coisas concretas.

Na infância média, a criança tende a se perguntar sobre a origem do mundo e a criação, enquanto que na infância tardia se mostra mais interessada em conhecer a dinâmica dos fenômenos naturais do que em descobrir quem criou o universo.

É próprio da infância média que a criança se sinta inquieta e insegura sobre a origem da vida, sobre o significado da morte e sobre o que existe depois dela.

f) Desenvolvimento do caráter:

Durante a infância média, a criança é dependente das normas determinadas pelos adultos, que vão ser questionadas na infância tardia, quando a criança começa a estabelecer suas próprias normas, às vezes mais rígidas e categóricas do que as dos adultos.

Com relação à autoridade, a criança é mais dependente e submissa na infância média, tornando-se mais crítica e tendendo à autonomia, na infância tardia.

Diante de seus companheiros, a criança se vê como um a mais entre eles, durante a infância média, e começa a distinguir os aspectos que são comuns a todos daqueles que lhe são próprios durante a infância tardia, quando se faz mais consciente de sua individualidade.

A PRÉ-ADOLESCÊNCIA

A PRÉ-ADOLESCÊNCIA

I. BREVE DESCRIÇÃO DO PERÍODO

A pré-adolescência é o período que se situa entre a infância e a juventude. Definí-la como um período intermediário entre duas idades tão importantes para o ser humano acentua o seu caráter de período de transição.

Em termos cronológicos, é difícil fixar-lhe os limites, que se superpõem com o final da infância e com o início da juventude, respectivamente. Na prática, a pré-adolescência se inicia em torno dos 10/11 anos e se prolonga até os 14/15 anos.

Para atenuar os riscos da fixação desses limites, é necessário levar em consideração que, desde a última fase da infância intermediária, as mulheres apresentam uma certa aceleração em seu desenvolvimento, o que lhes assegura uma vantagem de aproximadamente um ano, em relação aos seus coetâneos do sexo masculino.

Descritivamente, a pré-adolescência é a idade da pré-puberdade e da puberdade, caracterizando-se pelo desequilíbrio e pela quebra da harmonia alcançada anteriormente, em decorrência do grande desenvolvimento físico, que vai muito além do mero crescimento para se traduzir em verdadeiras modificações de natureza qualitativa, e da maturação física dos órgãos sexuais e do aparelho reprodutor.

Psicologicamente, é um momento de desestruturação, de ambivalências, de dúvidas e de solidões, mas também de maior capacidade de análise e de pensamento, de sensações, de emoções e experiências novas, tanto no plano dos afetos como no das relações com seus amigos e com o outro sexo.

2. O DESENVOLVIMENTO FÍSICO

Saltam aos olhos, no início do período, as variações que experimenta o aspecto corporal e as modificações na configuração física da criança. Rompe-se o equilíbrio alcançado na infância intermediária, substituído por um crescimento impetuoso.

A aceleração do crescimento se inicia, nas meninas, entre os 10 e os 11 anos, enquanto os meninos a experimentam nas proximidades dos 13 anos. O maior ritmo de crescimento é alcançado, pelas meninas, em torno dos 12 anos, e por volta dos 14 anos, pelos meninos.

O crescimento se traduz, principalmente, pelo aumento da estatura e, em menor grau, do peso.

Na estatura, o crescimento é pouco harmonioso, muito reduzido no tronco e bastante significativo nos braços e nas pernas, e a criança se torna desengonçada.

A desarmonia na configuração corporal se une à desarmonia motora. Braços e pernas muito compridos em relação ao resto do corpo provocam movimentos bruscos e rígidos, repercutindo sobre as habilidades manuais, que se ressentem dessa desarmonia.

As modificações na configuração do corpo se fazem acompanhar pelo surgimento incipiente das características sexuais. Nas meninas, os primeiros sinais da maturação sexual aparecem por volta dos 11 anos e, nos meninos, um pouco depois.

A primeira menstruação (menarca), na menina, e a primeira polução, no menino, assinalam o início da puberdade, a segunda fase desse período. Embora seja muito variável a idade em que se produzem esses fenômenos, é costume situá-la em torno dos 12 anos, no caso das meninas, e dos 13 anos, para os meninos.

Na puberdade, o crescimento corporal continua, mas começa a se acentuar o desenvolvimento do tronco, enquanto o dos braços e das pernas experimenta uma certa moderação. Com o brusco crescimento do tronco, aumentam de tamanho os pulmões e o coração. Por outro lado, se acentuam as formas masculinas e femininas.

3.O DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL

O pré-adolescente oscila entre um pensamento próprio da infância, de operações concretas e racionalizações sobre objetos manipuláveis, e um pensamento adulto, que se caracteriza por um nível maior de abstração.

Ainda que o nível de abstração não tenha sido totalmente alcançado, o pré-adolescente já é capaz de realizar reflexões distanciadas dos objetos concretos.

É o momento em que se inicia a capacidade de fazer associações e de lidar com a noção de proporção, e o pré-adolescente alcança um raciocínio dedutivo elementar, sem ter chegado, ainda, à plenitude do pensamento abstrato.

No final do período, surge a capacidade de desenvolver teorias, e o pré-adolescente ingressa no mundo das ideias e das relações entre elas, ao mesmo tempo em que completa a capacidade de uso das operações já dominadas.

A capacidade de ordenação, por exemplo, já não é só uma questão lidar com elementos relacionados entre si, mas também lhe serve para organizar as coisas sistematicamente.

O jovem começa a compreender melhor as relações geométricas e os problemas relacionados com as proporções, e pode solucionar situações cada vez mais complexas, presentes em seu meio ambiente.

Além disso, as novas capacidades adquiridas lhe permitem compreender a relatividade das situações com que se defronta, e o jovem começa ter uma nova visão do meio físico e social que o rodeia.

Já não lhe interessam os fatos empíricos superficiais, pois pode estruturar possíveis explicações mais profundas sobre suas causas.

É capaz de concentrar seu interesse tanto no conjunto global como nos mais insignificantes detalhes, e começa a conhecer e utilizar o domínio do possível. Na prática, é uma mistura de criança e de jovem. Tem preocupações e comportamentos conflitantes e contraditórios: pode brincar como uma criança pequena e refletir e reagir como adulto ante determinadas situações.

Amplia o âmbito de seus interesses e, como é capaz e necessita provar-se, produz, às vezes, criações e inventos importantes. Necessita, por isso, que se confie em sua capacidade e que se demonstre essa confiança.

Apresenta especial interesse por construir e criar e, nas áreas de seu interesse, se compromete e se envolve de corpo e alma.

No terreno das artes, nem sempre é capaz de criar suas próprias obras, mas interpreta as alheias, reservando sua capacidade de criar para aqueles momentos em que precisa externar seus próprios problemas, principalmente os de natureza familiar, fazendo-o sempre com precisão e agudeza.

4.O DESENVOLVIMENTO SOCIAL

O período se caracteriza por um constante começar. O pré-adolescente já não se sente uma criança, mas não chega a se sentir um adulto. Começa a buscar as peculiaridades próprias da idade adulta, mas conserva muitas das características da infância.

O pré-adolescente começa a voltar-se para dentro, buscando encontrar sua identidade e construir sua autonomia. Isso o leva a querer ter suas próprias opiniões, começando a pensar por si mesmo.

Contemplando o mundo dos adultos, o pré-adolescente começa a procurar discriminar o que lá existe de positivo e de negativo. Procura classificar os adultos por suas virtudes e por seus defeitos, e é assim que chega a encontrar seus próprios modelos ou ídolos, sejam eles vultos históricos ou pessoas vivas. Os modelos que mais influenciam suas atitudes são aqueles que lhe estão mais próximos, um amigo ou um jovem pouco mais velho.

O pré-adolescente procura libertar-se do marco familiar, construindo um mundo independente daquele dos seus pais e irmãos mais novos. O grupo de companheiros se torna mais importante e consome grande parte do seu tempo. A pré-adolescência é, por excelência, a idade da patota, integrada por companheiros selecionados e numericamente reduzida. O jovem se integra à patota e teme ser diferente dos demais companheiros, com os quais se identifica, buscando vestir-se como eles e, até, falar um idioma próprio do grupo a que escolheu pertencer.

Normalmente solto, alegre e descontraído, quando no seio de sua patota, o pré-adolescente tende a se mostrar reservado e inibido em outros ambientes, até para se resguardar das gozações de que é alvo, por parte de

alguns adultos, que zombam de seu aspecto desengonçado e de sua voz de timbre instável e oscilante.

5.0 DESENVOLVIMENTO AFETIVO

A pré-adolescência é um momento de alterações e transformações qualitativas importantes. Perdem-se o equilíbrio e a harmonia alcançados na infância intermediária. Produz-se uma desestruturação no terreno psicológico, que se traduz por comportamentos instáveis, impulsivos e algumas vezes superficiais.

É o período da maturação sexual, quando o organismo alcança a capacidade de reprodução, ao mesmo tempo em que o jovem se volta para o seu interior, iniciando um processo de descobrimento e de conhecimento de si mesmo.

Ao pré-adolescente, preocupa especialmente sua imagem corporal, o que se complica muito em razão do novo ímpeto de crescimento. O descontentamento com o corpo produz insegurança e angústia. O jovem tem consciência das alterações físicas por que está passando, mas não sabe qual será seu resultado final, e o teme.

Do ponto de vista de suas expressões emocionais, são frequentes as explosões temperamentais, nem sempre compreendidas por ele próprio nem pelos adultos que o rodeiam.

Muda muito rapidamente de interesse, chegando a situações em que não manifesta interesse por nada. Reduz-se o ritmo de atividades, aumentando os momentos de apatia. Apesar disso, e durante a fase da pré-puberdade, é possível observar-se uma certa hiperatividade, motivada pela necessidade de viver novas experiências, embora a atividade excessiva não pareça estar dirigida a nenhum objetivo específico.

O grupo de amigos também se desestrutura; embora inserido numa patota, o pré-adolescente só se sente afetivamente ligado a um par de amigos ou amigas de verdade, com os quais pode compartilhar e discutir seus segredos e suas dúvidas.

É comum encontrar no jovem atitudes de oposição e de negativismo, es-

pecialmente diante de normas, valores, costumes e tradições sustentadas por adultos, particularmente os pais. Ao mesmo tempo, o jovem necessita e espera que lhe sejam fixados os limites que não se sente capaz de fixar por sua própria conta.

Os namoros rápidos, comuns nesse período, são mais platônicos, com uma carga sexual muito menor do que nas etapas posteriores. A conduta do jovem, neste aspecto, é fortemente influenciada por variáveis tais como o nível socioeconômico, o grupo de referência, o gosto por determinado tipo de música etc.

A instabilidade psicológica do período produz com bastante frequência sentimentos de infelicidade e de solidão, assim como comportamentos marcados pela timidez e pela rebeldia; dos adultos que o rodeiam o jovem espera, nesses momentos, carinho, compreensão e respeito ao seu isolamento.

No ambiente em que vive, o pré-adolescente (e todo jovem) necessita de espaços que lhe permitam preservar sua privacidade, livre de violações desnecessárias e levianas. Diante de um mundo que se lhe apresenta hostil, o jovem quer um lugar para os sonhos que o ajudam em sua necessidade de ajuste social, e isso lhe deve ser facultado, sempre e quando não o faça perder o contato com a realidade.

Na prática, o jovem apresenta, na afetividade como em outras áreas, comportamentos contraditórios. Pode passar muito facilmente do riso ao pranto, ou mostrar-se como uma criança pequena e, ao mesmo tempo, ser capaz de enfrentar, como adulto, outras situações. Ele mesmo não se entende, e não é fácil entendê-lo e contentá-lo.

É comum que se mostre hipersensível diante do menor estímulo para, logo em seguida, se apresente: verdadeiramente encantador, buscando e conseguindo encontrar seu espaço entre os adultos.

Pode passar horas preocupado consigo mesmo e voltado para seus interesses: sua música preferida, seus escritos, pensamentos e diário, ou a conversa séria com os amigos, não muito frequente mas sempre muito profunda.

O espelho é um elemento importante que o ajuda a alcançar uma justa apreciação de sua imagem corporal. Tem muito medo de se mostrar como

é, física e psicologicamente, pois ele mesmo não se conhece e teme a resposta e as expectativas dos adultos.

6.O DESENVOLVIMENTO ESPIRITUAL

Na pré-adolescência, o jovem alcança um gradual amadurecimento psico-espiritual, graças ao descobrimento de seu mundo interior e do mundo dos valores e dos ideais. É uma etapa de busca de valores que vão auxiliá-lo a dar sentido à vida.

Ao longo de todo o período, o jovem vai adquirindo um crescente distanciamento com relação ao pensamento dos adultos; o pensamento dos mais velhos não lhe parece suficiente ou, pelo menos, tão claro como antes. É importante insistir que essa atitude varia em cada uma das fases do período: na pré-puberdade, o menino ou a menina acata o que lhe dizem ou impõem; na puberdade, o rapazola e a mocinha já não acatam tão facilmente as afirmações e imposições, sentindo-se capazes de decidir por si próprios.

É na pré-adolescência que os interesses vão se definindo com nitidez: o jovem começa a tomar consciência do futuro e de tudo o que ele poderá fazer para moldá-lo.

Seu espírito está inquieto e em constante crescimento, provocando uma busca do religioso e do misterioso, mesmo se aparenta absoluto desinteresse.

As seitas, sabedoras dessa inquietude, lançam suas redes sobre os pré-adolescentes, que chegam a captar com bastante facilidade. Os mais jovens se deixam seduzir com frequência e acabam integrando os muitos adeptos de doutrinas exóticas e de modos de vida atraentes.

Aliás, é ainda na puberdade que o jovem começa a questionar o seu relacionamento com a religião dos seus pais; quer definir sozinho sua posição ante a fé e pensa em um Deus centrado em si mesmo, com o qual imagina poder se relacionar por meio de uma religiosidade que prescinde de qualquer religião.

Assim como o faz com o sentimento religioso, o jovem se explica muitas

outras coisas, seja por meio de suas descobertas pessoais, seja por meio da interpretação de explicações fornecidas por adultos, de leituras, de conversas ou de informações que busca com acentuado interesse.

7.O DESENVOLVIMENTO DO CARÁTER

As notórias modificações físicas experimentadas pelo pré-adolescente, que trazem como consequência a desarmonia, produzem uma desintegração na conduta, que oscila entre momentos de agitação e outros de verdadeira apatia.

Enquanto no menino essa desintegração se expressa por meio da rebeldia e da brusquidão, o mesmo fenômeno se manifesta, na menina, pela inconstância e pela passividade.

No sexo feminino, a desintegração da conduta tende a diminuir, ainda na pré-adolescência, com a aparição da primeira menstruação, mas se prolonga, nos rapazes, até os 15/16 anos.

Muitas das características da infância intermediária ainda se fazem presentes, de algum modo, durante a pré-adolescência, embora modificadas. É o que sucede, por exemplo, com relação à submissão à autoridade, que vai diminuindo na mesma medida em que diminui a dependência e aumenta a autonomia. Ao mesmo tempo, aumenta a capacidade de criticar e de entender a si próprio e aos demais.

Do aumento de sua autonomia, o jovem aceita com naturalidade uma autoridade democrática e disposta ao diálogo, capaz de estabelecer os limites, necessários, sob todos os pontos de vista, sem impedir o desenvolvimento que o leva a formar suas próprias opiniões e entendendo sua rebeldia natural, sua instabilidade e seu desejo de medir forças.

Empenhado no esforço para reorganizar o mundo que trouxe da infância intermediária e que, de uma forma ou de outra, acabou por se desorganizar, o pré-adolescente, que adieru na infância a uma escala de valores, precisa, agora, ajustá-la à sua preocupação com a maneira de enfrentar um mundo que se mostra cada vez maior e mais complicado.

Com bastante frequência, o pré-adolescente encara essa necessidade de

ajuste como um desrespeito àqueles mesmos valores, o que constitui mais uma dificuldade a ser superada durante a transição para a adolescência.

8.FASES E ÊNFASES NA PRÉ-ADOLESCÊNCIA

Ainda que definida como um período de transição dentro do processo de desenvolvimento, a pré-adolescência apresenta duas fases bastante distintas, em função da ênfase assumida, ao longo do tempo, por algumas de suas características. A primeira fase, tradicionalmente conhecida como pré-puberdade, se estende, cronologicamente, até os 11/12 anos, quando se inicia a segunda fase, a puberdade, conhecida, por motivos óbvios, como aborrecência, que se prolonga até os 14/15 anos.

Em cada área de desenvolvimento, são enfatizadas, nas duas fases, as seguintes características:

a) Desenvolvimento físico:

No primeiro momento, há um crescimento físico acelerado, com pronunciado alongamento dos membros, que rompe subitamente a harmonia que marcou o final da infância intermediária. Todo o organismo se prepara para uma definição e maturação sexual, bem mais acentuada nas meninas.

A segunda fase é marcada pela conquista do amadurecimento físico dos órgãos reprodutores, que se traduz pela chegada da primeira menstruação e da polução e pelo surgimento das características sexuais secundárias, tais como o aparecimento de pelos e a mudança de voz.

b) Desenvolvimento intelectual:

A ênfase é menos notória porque, do ponto de vista da intelectualidade, há uma passagem muito gradual do pensamento concreto, preso à realidade palpável dos objetos, para o pensamento abstrato. No primeiro momento, embora comece a surgir o pensamento abstrato, a criança ainda não alcançou uma separação total dos objetos, em relação aos quais tece suas primeiras abstrações. Só na segunda fase a criança se distancia das coisas para começar a refletir sobre seus próprios pensamentos.

Enquanto, no primeiro momento, os interesses da criança se voltam mais para a criação material de coisas que, eventualmente, possam solucionar problemas da vida real, esses interesses, na segunda fase, começam a se deslocar para o terreno das ideias e das teorias. Um avanço muito grande conquistado na segunda fase é a descoberta da relatividade das coisas, dos fatos e das situações.

c)Desenvolvimento social:

Há uma clara diferenciação de imagens, e se pode falar de crianças, quando se trata de pré-adolescentes vivendo a primeira fase, e de jovens, em relação àqueles que já adentraram a segunda.

Diante dos pais, ainda existe dependência e acatamento da autoridade, na primeira fase, ao passo que, na segunda, o jovem busca avidamente espaço para manifestar sua independência: se movimenta sozinho, conhece e manipula seus espaços como diferentes e distanciados daqueles dos seus pais.

Com relação aos seus companheiros, a criança estreita e aprofunda seu círculo de amigos, até que o jovem seleciona um ou dois amigos íntimos e verdadeiros sobre os quais concentra suas atenções.

d)Desenvolvimento afetivo

A criança conserva, na pré-puberdade, alguns traços da espontaneidade infantil, que se perdem na puberdade. A procura pelo convívio com o outro sexo, que surge na primeira fase, passa a ser, na segunda, uma verdadeira preocupação.

As modificações físicas, que produzem alguma inquietação durante a pré-puberdade, desencadeiam confusão e profunda comoção, com a chegada da puberdade, quando os sentimentos e as emoções contraditórias envolvem o jovem e provocam uma enorme insegurança.

e)Desenvolvimento espiritual

Na primeira fase, o relacionamento com Deus ainda pressupõe um Deus com aspectos bastante concretos, que assinala os limites e estabelece a diferença entre o bem e o mal. As práticas religiosas são aceitas e repetidas sem que sejam questionadas.

Na segunda fase, a relação com Deus é mais personalizada e individualizada.

lizada. O jovem começa a questionar postulados e princípios. Surgem as inquietações diante do religioso e do misterioso, e o jovem começa a por em dúvida as expressões e práticas da religião.

f) Desenvolvimento do caráter:

É onde mais se evidencia a transitoriedade do período.

Na primeira fase, por exemplo, se apresentam expressões de grande ambivalência; é o momento em que se misturam, com muita facilidade, as características da criança e do jovem, dando a impressão de que será eterna a indefinição entre essas duas posições.

Ao se iniciar a segunda fase, há um gradual desenvolvimento da consciência moral, e o jovem passa a entender com maior precisão valores como a justiça e a verdade. Não raramente, esse entendimento provoca conflitos internos com a visão inflexível desses valores, que a criança trouxe do período anterior.

Em relação à autoridade, já na primeira fase começa a se ampliar o campo das autonomias, embora a criança ainda conserve basicamente a dependência típica da infância intermediária.

Na segunda fase, o jovem começa a definir sua maneira de ser, a rechaçar o que lhe parece imposto, a se rebelar contra a autoridade e as normas e a conquistar espaço para sua independência.

Também é nessa fase que o jovem desenvolve maior consciência social.

A ADOLESCÊNCIA

A ADOLESCÊNCIA

I. BREVE DESCRIÇÃO DO PERÍODO

A adolescência compreende o período de vida do jovem que vai dos 14/15 aos 20/21 anos de idade. O período é marcado por um processo de maturação biológica que transcende a área psicossocial, durante o qual se constroem e se aperfeiçoam a personalidade e o sentido de identidade.

No terreno do desenvolvimento corporal, as mulheres configuram sua feminilidade até os 16/17 anos, ao passo que a configuração da masculinidade ocorrerá, nos rapazes, entre os 18/19 anos. Em ambos os sexos, observa-se a harmonização da expressão e da conduta.

Por outro lado, e até que se encerre o período, o adolescente alcança definitivamente a maturidade psíquica, ao mesmo tempo em que vai construindo um mundo pessoal de valores. As opiniões sobre seus companheiros e sobre os adultos tendem a ser, durante o período, bem mais tolerantes.

O desenvolvimento da autonomia alcança seu apogeu. Amplia-se consideravelmente a consciência moral e o jovem pode se dar explicações mais profundas a respeito de fatos e situações com que se defronta.

No plano afetivo, é visível a integração que se faz entre amor e sexo, ao tempo em que o jovem supera seus estados de instabilidade emocional, próprios da pré-adolescência, na medida em que alcança maior identificação consigo mesmo.

O pensamento alcança, por outro lado, um alto nível de abstração, e o jovem pode fazer análises, desenvolver teorias ou levantar hipóteses. O adolescente constrói seu próprio marco de ideias e age em consonância com ele. Já pode se expressar por meio de sua própria criação, sem depender da criatividade de terceiros.

No plano social, o adolescente busca seu lugar no mundo dos adultos, ao qual deseja se incorporar, embora inseguro quanto ao modo de fazê-la. É o momento da escolha de uma profissão e do ingresso no mercado de

trabalho. Assim, já mais equipado, mais maduro e dotado de maior número de elementos e de competências, o adolescente procura se inserir no mundo, dando o melhor de si mesmo. Embora faça desse mundo alvo de suas contínuas críticas, o adolescente o reconhece como sendo o seu mundo.

2.O DESENVOLVIMENTO FÍSICO

No início da adolescência, o jovem, sobretudo, do sexo masculino, ainda se apresenta com o aspecto desengonçado típico da pré-adolescência. Ao longo do período, modera-se o crescimento longitudinal, enquanto se acelera o engrossamento das formas, até que se chegue à harmonização da figura.

Por meio da maturação própria de cada sexo e da configuração da forma física do homem e da mulher, o jovem alcança a plena constituição de sua feminilidade ou masculinidade, o que ocorre por volta dos 16/17 anos, na mulher, e dos 18/19 anos, no homem.

A harmonização da figura e da expressão se faz acompanhar da harmonização da conduta. Decresce a inquietude do final da pré-adolescência, e o jovem apresenta um comportamento mais tranquilo, progredindo sensivelmente em seu relacionamento com a sociedade.

No início da adolescência, e como consequência do esforço de crescimento desenvolvido durante a pré-adolescência, o jovem se mostra fatigado e organicamente esgotado. Embora se atenuem um pouco na medida em que avança a adolescência, a sensação de esgotamento prossegue, agora como decorrência do consumo de energia requerido pelo engrossamento das formas, e só desaparecerá quando for alcançada sua plena harmonia. Por isso, muitas vezes o adolescente pode ser visto jogado sobre uma cama ou um sofá, dando sempre a ideia de forte tendência à inatividade.

3.O DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL

Do ponto de vista do desenvolvimento do conhecimento, a adolescência é o momento em que se alcança o último nível do pensamento: o pensamento abstrato ou formal. O ser humano conquista, finalmente, a capacidade de pensar e raciocinar além dos limites do mundo concreto e real.

Só na adolescência o jovem é capaz de se distanciar totalmente dos objetos reais e refletir, consolidando um processo que se iniciou ao final da infância intermediária. Esse é, portanto, o período em que chega ao máximo de eficiência a capacidade de adquirir e utilizar conhecimentos. Alcançada a capacidade de raciocinar sobre hipóteses, o jovem conquista um novo instrumento para compreender o mundo físico e as relações que nele se desenvolvem.

A realidade se toma secundária, diante da possibilidade e, na busca da conquista do possível, o jovem se compromete e se envolve por inteiro. Amplia, assim, sua perspectiva de tempo, presente, passado e futuro.

O ambiente físico adquire novos matizes, na medida em que o jovem descobre que o sentido dos objetos, para o homem, guarda relação com o sistema de valores que o sustenta.

O jovem alcança o pensamento dedutivo, e pode pensar de forma objetiva e científica, embora costume apresentar, notadamente no início do período, quedas na atenção e no rendimento, por conta das influências que outras áreas, em particular a afetividade, exercem sobre o pensamento e a criatividade.

A capacidade de desenvolver teorias se traduz na construção e na elaboração de sistemas para a transformação do mundo, nos terrenos filosófico, político, moral, etc. É a época da livre atividade de reflexão espontânea, a idade da metafísica, por excelência.

A capacidade de pensamento recém alcançada permite ao jovem levantar hipóteses, confrontá-las, tirar conclusões e diferenciar o falso do verdadeiro, entendendo-se a si próprio e compreendendo melhor o mundo que o rodeia.

A aquisição desse instrumental permite ao jovem enfrentar e concluir

a tarefa de construir seu próprio conjunto de ideias, valores e crenças orientadoras, que darão ordem, consistência e coerência às suas futuras decisões e ações.

Do ponto de vista prático, o jovem conta com um amplo instrumental para pensar, criar e desenvolver o que lhe interessa e aquilo que se propõe. É a idade dos projetos e das ações audazes e criativas. Na segunda fase do período, quando já não tem que dispende energia no seu conhecimento íntimo e na construção de sua identidade, o jovem aumenta sua preocupação com o social, e passa a pensar e agir em relação ao mundo que o cerca. É o momento da participação em grupos de trabalho, partidos políticos e organizações maiores.

Também neste período o jovem deve definir e orientar sua vocação, identificando e equilibrando seus interesses e expectativas no conjunto de possibilidades e alternativas que o meio lhe oferece. Deve, portanto, exercer a capacidade de seleção, opção e decisão que vem desenvolvendo desde a infância.

Quanto à expressão artística, o jovem já descobriu, nessa fase da vida, se tem ou não aptidão para alguma arte. Quando tem, se expressa com especial criatividade, buscando atender à necessidade de dar a conhecer seus conteúdos internos e sua forte emotividade; de um modo geral, não só são excelentes intérpretes da criação alheia como criadores de suas próprias manifestações.

4. O DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Na adolescência, o jovem se dá conta de que o mundo infantil já não é o seu, enquanto que o mundo dos adultos, tal como se lhe apresenta, não é querido ou gratificante. É especialmente crítico ao mundo dos seus pais e deprecia tudo aquilo que representa o mundo dos “velhos”.

Persegue com afimco sua independência, quer escolher seus próprios objetivos e fazer o que lhe agrada, e é por isso que ressaltam em seu comportamento as tendências à insubordinação e à oposição, manifestadas, especialmente, nos ambientes familiar e escolar. Essas manifestações se

traduzem por meio da brusquidão e da grosseria, nos rapazes, e da extrema suscetibilidade, nas moças.

A incapacidade de se situar no mundo das crianças e no dos adultos leva o adolescente a se identificar intensamente com seus companheiros. Busca uma completa incorporação ao grupo de colegas, que satisfaz sua necessidade de pertencer, e compatibiliza seu comportamento com as exigências desse mundo. Quer passar todo o tempo em companhia dos amigos, agora mais selecionados, e dos companheiros.

Diferentemente do que ocorre nos períodos anteriores, os grupos de adolescentes tendem a ser mistos; atenua-se a marcada diferenciação entre grupos de homens e de mulheres, o que não impede que as melhores relações de amizade se desenvolvam entre pessoas do mesmo sexo.

Embora seja muito crítico diante do mundo dos adultos, o adolescente sabe que nele deve encontrar seu espaço. O jovem começa a se colocar a necessidade de conhecer-se melhor, explorando suas aptidões e habilidades. É por isso que o adolescente, apesar de sua intensa vida grupal, gosta de momentos de solidão e de quietude, para contemplar seu interior. São muito próprios da adolescência a busca do sentido da vida e o perguntar-se “quem sou?”.

Ao início da segunda fase do período, por volta dos 18 anos, o jovem começa a se definir no sentido da profissionalização, ainda que, na realidade, o meio social atual solicite essa definição ainda na fase anterior, quando alguns jovens já iniciam sua vida universitária. Essa antecipação da exigência social explica as razões que levam um grande número de jovens a interromper um curso superior iniciado na primeira adolescência, substituindo-o por outro, escolhido na idade juvenil.

É nessa segunda fase da adolescência que o jovem começa a buscar respostas para as críticas que lhe merece o mundo dos adultos. Deste modo, os problemas sociais, políticos e econômicos do país atraem sua atenção, da mesma forma como as ideologias que se apresentam como propostas de solução para esses problemas.

5.O DESENVOLVIMENTO AFETIVO

O desenvolvimento afetivo adquire, na adolescência, uma importância toda especial, tanto pela influência que esta área exerce na vida do jovem como pela sua transcendência para a conquista da estabilidade emocional que se espera do adulto.

Quando se analisam as tarefas de desenvolvimento próprias da adolescência - independência e autonomia frente aos pais e à família, ajuste social, ajuste sexual, relação de igualdade com os companheiros, descobrimento da identidade e da vocação e construção de um corpo de normas e valores - percebe-se que a maioria delas está fortemente relacionada com o desenvolvimento afetivo.

Embora seja este um dos períodos do desenvolvimento mais sensível às influências do meio sociocultural, é possível distinguir e identificar alguns problemas que são comuns a todos os adolescentes, independentemente do meio em que se desenvolvam. As diferenças estarão muito mais nas idades e nas formas em que tais características ou necessidades se expressam.

É assim que todos os adolescentes vivenciam a necessidade de conquistar independência e autonomia em relação aos pais e à família. O jovem necessita provar-se e mostrar que é capaz de caminhar sozinho pelo mundo. Para tanto, deverá cumprir sua principal tarefa de desenvolvimento, que é alcançar sua própria identidade, a identidade do eu, conhecendo-se a si mesmo e reconhecendo-se como ser único e distinto no espaço e no tempo, tanto na esfera individual como na social.

É neste momento que o jovem vive o perigo da difusão do eu (ou da desintegração, como antônimo da identidade), que supera apoiado pela solidariedade e pelo sentido de pertencer e buscando acentuar as diferenças entre o grupo jovem e o mundo adulto (uso de uma linguagem comum, que os mais velhos só compreendem com muita dificuldade, gestos e vestimentas semelhantes, estranhos cortes de cabelos e outros maneirismos). Tudo isso aponta a busca de uma resposta satisfatória para a grande pergunta do momento que é “Quem sou eu?”.

O grupo e os companheiros apoiam o jovem e o fazem se sentir seguro,

pela segurança de estar e ser um a mais entre outros. O jovem necessita fortemente poder compartilhar, ser acolhido em suas emoções, suas dúvidas, seus sonhos e solidões. Tudo isso é um marco equilibrado de dependência-independência diante de companheiros e iguais.

A busca da identidade e da autonomia se dá mesmo em meio às contradições próprias da idade. O jovem necessita tomar suas próprias decisões, mas também necessita que alguém estabeleça limites que o auxiliem a provar sua capacidade e a definir os espaços de independência e autonomia que lhe são possíveis.

No começo do período, o jovem precisa dispor de modelos com os quais possa se identificar. Para alguns, esses modelos serão pessoas públicas; para outros, serão os dirigentes adultos dos grupos a que pertençam. Mas, como regra geral, não serão os pais; estes, ao contrário, são uma fonte de rebeldia, pelo domínio que exercem e pela intromissão que representam na vida do jovem.

O adolescente é analítico, instrospectivo, autocrítico, com ganas de modificar o mundo em que vive. Ao mesmo tempo, se sente e se descreve como solitário, cheio de dúvidas, ansioso, tímido, sentimental e romântico.

O jovem necessita, também, fazer um ajuste entre seus impulsos sexuais, que surgem com muita força, e os limites e exigências que o meio social apresenta nesse terreno. Deixa-se levar com entusiasmo pelo amor e pela amizade e, por esses motivos, outra das tarefas de desenvolvimento típicas da adolescência é lograr integrar sexo e amor, assumindo, em sentido amplo, os papéis do homem e da mulher. É a época do “ficar com” e do namoro, diferenciados entre si pelo grau de compromisso envolvido em cada situação. A vivência do amor e do sexo demanda um grande trabalho, pois o jovem deve aprender a integrar os impulsos e as emoções de sua própria identidade com as exigências do meio, aí incluídas aquelas que lhe são apresentadas pelos pais, pelos companheiros e pela sociedade, como um todo.

Do ponto de vista dos conflitos e problemas, o adolescente tem tendência a se deprimir diante dos fracassos, especialmente em razão da intolerância e da pouca resistência às frustrações e às dificuldades.

6. O DESENVOLVIMENTO ESPIRITUAL

Nesse período, sobretudo na idade juvenil, última etapa pela qual o jovem deve transitar antes de passar à idade adulta, vai se consumando a maturação psíquica.

Também vai tomando forma, cada vez com maior nitidez, uma escala pessoal de valores e uma concepção fechada do mundo; especialmente forte nos primeiros anos da adolescência, esse processo também é parte da construção da maturidade espiritual.

É certo que este amadurecimento não está isento de crises e de dúvidas, algumas fortes e que provocam abalos violentos. O jovem coloca em julgamento a fé e tudo aquilo que a envolve: a prática religiosa, as manifestações de devoção e os compromissos com a igreja.

O adolescente tende a ver um universo estreito em si mesmo, no plano religioso como no político, o que naturalmente o leva a sérios conflitos com os adultos.

Desde os 16 e até os 18 anos, aproximadamente, os credos se tomam mais abstratos. Deus pode ser visto ou interpretado muito mais como uma Força do que como um Pai. O adolescente se agarra à ideia de uma religião pessoal, em oposição à religião institucionalizada; ou reveste seu sentimento religioso de uma preocupação messiânica: estabelece como que um pacto com Deus, comprometendo-se a servi-lo sem recompensa, mas esperando desempenhar um papel decisivo na causa que se dispõe a defender.

O adolescente é fiel aos seus ideais e a eles se atira de corpo de alma; coloca em nível muito alto, por exemplo, o amor e a lealdade. É típico do jovem tomar como exemplos os heróis do seu tempo, escolhidos em qualquer plano da vida nacional; do mesmo modo, é típico que se desespere quando descobre os pés de barro do seu herói.

Dentro do seu esquema espiritual e em suas motivações mais profundas, é comum o adolescente perseguir o êxito e o status. Sua meta pode ser, contudo, a simples amizade, por exemplo. Pode deslumbrar-se diante de um adulto em que descubra firmeza de valores como franqueza e lealdade.

de. Na adolescência, o jovem começa a revisar profundamente os valores e crenças, assim como as atitudes e condutas que lhe foram inculcadas em sua formação escolar e familiar. Esse questionamento leva a frequentes confrontos com pais e professores.

Diante da morte, por exemplo, pode tomar uma atitude muito pessoal. A morte e tudo o que a envolve o leva à uma introspecção, à reformulação de princípios. Surgem, assim, outras interrogações, como a existência de Deus como princípio criador. É comum que, em busca de resposta, o jovem se integre a grupos religiosos, filosóficos ou movimentos esotéricos, que considera capazes de solucionar suas inquietações.

O tema religião pode ser importante nessa etapa da vida, por vezes assumindo contornos dramáticos. Pode-se afirmar que o adolescente necessita da religião quando opta por ela, mas não da teologia, pois não aceita dogmas autoritários, até porque não deseja se submeter a autoridades dogmáticas, não se devendo classificar como religioso aquele que não frequenta igreja alguma.

Não é comum que o adolescente brasileiro busque na Igreja ou na Bíblia as respostas para suas angústias. Contudo, quando o faz, espera que a Igreja se pronuncie diante de situações concretas e a Bíblia se tome, com frequência, é origem de dúvidas que têm características universais, embora variem de intensidade e duração.

7.0 DESENVOLVIMENTO DO CARÁTER

No terreno do caráter, a adolescência é marcada pela conquista da maior autonomia; este traço, que vinha se acentuando desde o período anterior, se toma, agora completamente visível. O adolescente se sente dono do seu próprio nariz e rechaça, plenamente, os marcos da autoridade, principalmente, daquela ditatorial, embora esteja disposto a aceitar a autoridade capaz de dialogar, compreensiva e que considere à sua altura.

É comum que adultos não saibam se relacionar com adolescentes e assumam atitudes muito arbitrárias, não raro opressoras. Não é que o jovem seja anárquico; ele necessita que ponham limites à sua atuação, mas não

aceita limites rígidos e impostos verticalmente e de forma pouco explícita.

O adolescente vai adquirindo uma identidade própria, demonstrando maior auto-conhecimento. Desse auto-conhecimento surge uma consciência moral em que as noções de bem e mal são marcantes e profundas.

Em razão da maior capacidade analítica que adquire, o adolescente revisa a escala de valores pela qual se guiava até agora. Por vezes, rechaça os valores herdados do meio social; em outras ocasiões, critica-os e introduz ligeiras modificações; mas em nenhum caso os aceita e assimila docilmente.

O adolescente necessita claros referenciais pelos quais se possa guiar ou aos quais deva se opor, conquistando o equilíbrio quando constrói seus próprios referenciais, aos quais acaba incorporando alguns dos elementos rejeitados, ao lado de outros que inovou ou desenvolveu por si próprio.

Diante de fatos e situações impactantes, o adolescente exige explicações mais profundas; já não se contenta com as respostas singelas, do tipo escolar. O adolescente espera uma argumentação precisa, poderosa, capaz de convencê-lo.

Não chega a ser estranha, na adolescência, a adesão a movimentos religiosos e políticos que, de alguma forma, dão sentido à vida do jovem.

8.FASES E ÊNFASES NA ADOLESCÊNCIA

O período da adolescência também envolve duas fases distintas, nitidamente separadas pelo marco do encerramento da vida escolar, durante as quais é diferente a ênfase emprestada às diferentes tarefas de desenvolvimento. A primeira adolescência, que se iniciou aos 14/15 anos, se prolonga até os 17/18 anos, quando se inicia a segunda adolescência, ou idade juvenil, que se encerrará quando, ao redor dos 21 anos, o jovem ceder lugar ao adulto.

Nas diversas áreas de desenvolvimento, as duas fases enfatizam as seguintes características:

a) Desenvolvimento físico:

Ao início da primeira fase, até os 16/17 anos, o adolescente ainda conserva as características da pré-adolescência, sobretudo aquelas da puberdade; no caso dos rapazes, é comum que as características trazidas da puberdade só ao final da primeira adolescência sejam substituídas pela completa configuração da masculinidade.

O rapaz, tanto quanto a moça, mostra sinais de cansaço e inapetência nos primeiros anos da adolescência, pois o crescimento acelerado dos anos anteriores consumiu boa parte de suas energias.

Nessa primeira fase, o adolescente do sexo masculino ainda não conseguiu armar corretamente sua figura, e se mostra um tanto desarticulado.

Na segunda fase, também os rapazes se configuram com mais solidez, e o adolescente, homem ou mulher, alcança a harmonização da expressão e da conduta.

Ao se aproximar dos 20 anos, o adolescente é um ser melhor definido e maduro, no sentido corporal e o engrossamento das formas se faz, agora, de modo parelho e afinado.

b) Desenvolvimento intelectual:

Na primeira adolescência, este aspecto não assume nenhuma relevância social. O jovem progride um pouco mais na direção de um pensamento formal e analítico, pode raciocinar um pouco mais além do concreto e do real e tem capacidade de abstração superior à que havia alcançado no período anterior. Usando uma linguagem figurada, o jovem, na primeira adolescência, atira em todas as direções: busca projetar-se por meio de suas capacidades, mas sua criatividade se expressa, basicamente, por meio de manifestações que não são de sua autoria.

É na idade juvenil que o adolescente alcança o estágio mais avançado do pensamento quando aplica os conhecimentos acumulados; levanta hipóteses e pode confrontá-las com outras; constrói suas próprias ideias e age de acordo com elas. Surge, agora, um jovem mais completo, mais maduro, que pensa com profundidade.

O intérprete das criações alheias da primeira fase se transforma, na segunda fase e ele mesmo cria e dá a conhecer suas criações.

Também é nessa segunda fase que o jovem alcança certa integração do todo, o que lhe permite se mostrar mais seguro de si. É capaz de estabelecer teorias. Mostra interesse pela religião e pela política e, quando adere a essas correntes, o faz com plena capacidade de decisão e total consciência.

c) Desenvolvimento social:

Desde a primeira fase da adolescência o jovem já vai desenvolvendo seu ser social, o que o faz enxergar o mundo com outros olhos. O mundo infantil já não lhe diz nada, e o jovem se preocupa em enfrentar o mundo do qual é participe e onde tem muito o que fazer. De preferência, faz aquilo que lhe agrada. Assim vai integrando o eu com a sociedade. E a sociedade é representada, nessa primeira fase da adolescência, pelo grupo a que aderiu e que é seu horizonte mais próximo e imediato. As perguntas que mais se formula são “Quem sou eu?” e “Qual é o meu lugar no mundo?”.

Essa busca se intensifica ao se iniciar a segunda fase, quando o jovem vai se incorporando ao mundo dos adultos com decisão e capacidade crescentes.

Para o jovem, a escolha do trabalho ou o ingresso no campo profissional desempenha um papel muito importante: deve tomar o rumo daquelas áreas em que se sinta seguro como adulto, provido de aptidões e com uma missão a cumprir.

Nada disso impede que o jovem submeta a críticas o mundo adulto em que procura se inserir. Mesmo depois de conquistada essa inserção, tem o vigor e a energia próprios da juventude; pode criticar, rechaçar ou aceitar situações ou maneiras de pensar dos adultos.

d) Desenvolvimento afetivo:

Na primeira adolescência, o jovem necessita fortemente ser acolhido e compreendido; ressentir-se muito da indiferença ou do abandono, que podem levá-lo a atitudes depressivas ou de fuga. É evidente a instabilidade, e o adolescente pode se mostrar muito sentimental, romântico e com tendência à introspecção. Ainda há uma acentuada ambivalência em sua maneira de ser. O jovem ainda não integra sexo e amor. Exige modelos em que possa se fixar e nos quais se projeta, de algum modo.

Na segunda fase, toda essa situação se modifica, e o adolescente se transforma em um jovem com mais capacidade de decisão. Alcança maior identidade do eu, e é capaz de integrar o amor e o sexo. Supera, enfim, as instabilidades que trouxe da puberdade e que persistiram na fase anterior.

e) Desenvolvimento espiritual

Não se percebe a maturidade espiritual na primeira fase da adolescência. Até cerca dos 17 anos, o adolescente tem tendência a ver o mundo de maneira um tanto estreita. Também questiona nos adultos os valores e condutas que eles representam. Diante de ideais, o jovem se mostra muito responsável e bastante comprometido. É comum que admire figuras da vida nacional, que eleva, por vezes, à categoria de heróis. Adere com facilidade a movimentos religiosos ou de feição oriental.

Já na segunda fase, o adolescente alcança a maturidade psíquica, e vai tomando forma sua escala pessoal de valores. Se o adolescente é religioso e adere a alguma igreja, espera dela pronunciamentos mais claros diante de situações de injustiça ou de violações a direitos fundamentais da pessoa. Graças à experiência acumulada, o jovem passa a ter uma visão mais ampla e mais aberta do mundo, o que o torna tolerante com seus companheiros e com os adultos.

f) Desenvolvimento do caráter:

Nos primeiros anos da adolescência, o jovem continua a desenvolver, agora de forma mais rápida, a autonomia que já vinha construindo desde os períodos anteriores. Também se amplia sua consciência moral. Embora exista uma tendência natural a rechaçar a autoridade, o adolescente está disposto a dialogar com os mais velhos que a representam. Ainda não é a hora de alcançar uma identidade definida.

Em contrapartida, na segunda fase da adolescência já se pode perceber uma grande autonomia: cada vez o jovem depende menos dos seus pais e sabe lidar com o mundo. Já pode se dar explicações mais profundas sobre os fatos e as situações da vida. E, assim, vai conseguindo de maneira definitiva uma identidade maior e mais concreta e se encaminha, resolutamente, para a etapa seguinte: a vida adulta.

OS PERÍODOS DE DESENVOLVIMENTO E OS RAMOS NO ESCOTISMO BRASILEIRO

OS PERÍODOS DE DESENVOLVIMENTO E OS RAMOS NO ESCOTISMO BRASILEIRO

A organização do processo de desenvolvimento, na faixa etária atendida pelo Movimento Escoteiro, em três períodos distintos, cada um deles integrado por duas fases em que o processo conserva características semelhantes, embora emprestando ênfase diferente a algumas tarefas que devem ser cumpridas pelo organismo em busca do amadurecimento, parece recomendar a organização do Programa Escoteiro em três diferentes segmentos, habitualmente denominados Ramos, cada um deles voltado para um dos três períodos estudados.

Dentro de cada Ramo, o Programa se desenrolaria em torno de um núcleo comum, por meio de atividades que, com maior ou menor intensidade, segundo a pirâmide etária da Seção considerada, atendam às ênfases que, em cada fase, deve ser emprestada às tarefas de desenvolvimento.

Ocorre, entretanto, que a transição entre as fases, na adolescência, não se faz da maneira tranquila e quase imperceptível como se passa na infância intermediária e na pré-adolescência.

O final da primeira adolescência e o ingresso na idade juvenil é marcado por um choque que só é menor do que aquele sofrido pelo homem quando abandona o interior do útero materno para ser violentamente lançado à luz.

Como se não lhe bastasse o final da fase colegial que marca essa transição, a vida do adolescente sofre uma importante alteração, ditada pelo início da vida profissional ou dos estudos universitários. Em alguns casos, também é esse o momento em que ocorre a mudança do estado civil ou, pelo menos, a passagem da dependência para a independência em relação ao lar paterno.

Assim, embora saiam comuns as características do jovem em uma ou outra fase da adolescência, as ênfases nas tarefas de desenvolvimento na primeira adolescência e na idade juvenil se apresentam de tal forma dispares que seria temerário conceber-se um núcleo comum de Programa a ser aplicado aos que se encontram em ambas as fases, agrupados na mesma Seção.

Em algumas Associações Escoteiras que adotam essa solução, verifica-se uma acentuada evasão dos jovens que atingem a primeira adolescência, ou sua insistência em permanecer junto aos seus companheiros da puberdade, sempre que as atividades do Ramo destinado à adolescência emprestam ênfase às necessidades da idade juvenil. Ao contrário, aquelas Associações não se mostram capazes de atender aos anseios da idade juvenil sempre que enfatizam as atividades requeridas pela primeira adolescência.

Por essa razão, o Escotismo Brasileiro optou pelo desenvolvimento do seu Programa em quatro Ramos, ordenando-os segundo o esquema apresentado no quadro anexo.

Para que possam ser levadas em conta as características individuais, os limites entre os Ramos, que são apresentados no esquema de uma forma rígida e precisa, como se a data de aniversário devesse assinalar, também, a data das mudanças de Ramo, precisam ser considerados com suficiente flexibilidade, de modo a atender às exigências ditadas pelo ritmo de desenvolvimento de cada criança ou jovem.

Além de efetuada numa época compatível com o ritmo de desenvolvimento, a mudança de Ramo deve ser precedida pela passagem por um período de transição - a Trilha Escoteira, a Rota Sênior ou a Ponte Pioneira - onde, sem se afastar bruscamente do convívio de sua Seção de origem, a criança ou o jovem trava um contato inicial com o tipo de vida que o aguarda, dentro do processo de desenvolvimento evolutivo.

Tão ou mais importantes do que o Programa aplicado a cada Ramo, os períodos de transição não podem deixar de merecer a atenção criteriosa dos Escotistas envolvidos, sob pena de ver-se perdido o esforço realizado na Seção de origem ou de se comprometer irremediavelmente qualquer possibilidade de êxito no trabalho a ser desenvolvido na Seção de destino.

Assim como não pode ser descuidada e deixada ao sabor das dificuldades que enfrentam todos os que se dedicam ao trabalho voluntário como Escotistas, a condução da Trilha Escoteira, da Rota Sênior e da Ponte Pioneira deve ser feita com absoluta resistência à tentação de, sob pretexto de evitar choques traumáticos para os que mudam de Seção, submetê-los a uma verdadeira eletrocução, por meio da apresentação súbita, inade-

quada e intempestiva de todo um conteúdo destinado a ser vivido ao longo de três ou quatro anos.

Finalmente, uma palavra de advertência: o conhecimento do jovem, da organização do Programa Escoteiro em Ramos adequados às exigências de cada estágio do processo evolutivo e dos cuidados a observar nos períodos de transição, não constitui garantia suficiente de que o Escotista esteja preparado para aplicar com sucesso o Programa Escoteiro.

Faltam-lhe, ainda, uma visão completa do Programa Escoteiro, o domínio da sua parcela destinada ao Ramo em que vai atuar e, mais importante do que tudo isso, o desenvolvimento das aptidões que caracterizam o verdadeiro Educador.

Só assim o Escotista é capaz de colocar ao alcance da criança e do jovem o valioso instrumento para o desenvolvimento concebido por Baden-Powell.

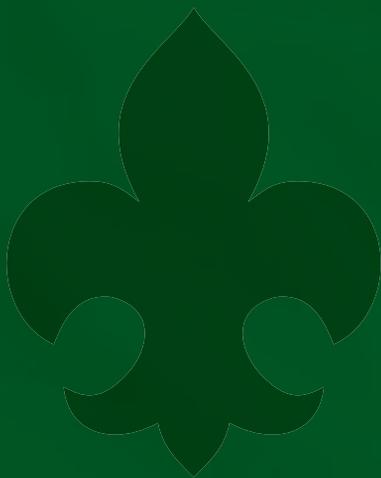
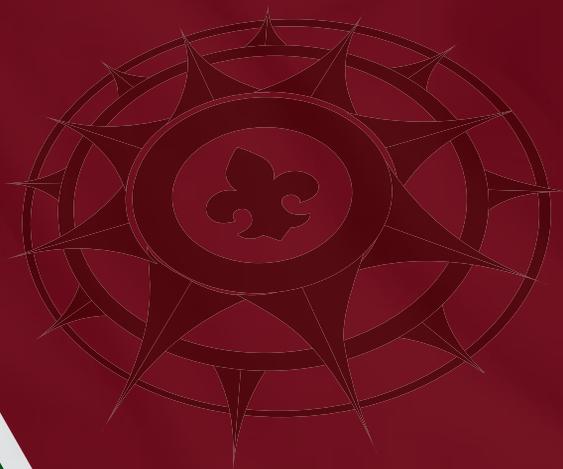
O DESENVOLVIMENTO EVOLUTIVO

IDADES	PERÍODOS & FASES*			
21				
20				Pioneiro
19		f	C	
18				
17		e		Sênior
16				
15				
14		d	B	Escoteiro
13				
12		c		
11			A	Lobinho
10		b		
09				
08		a		
07				

RAMOS:

***PERÍODOS & FASES:**

- (A)** - Infância intermediária
a - Infância Média
b - Infância Tardia
- (B)** - Pré-adolescência
c - Pré-adolescência
d - Puberdade
- (C)** - Adolescência
e - Primeira Adolescência
f - Juventude



União dos Escoteiros do Brasil - Escritório Nacional
Rua Coronel Dulcídio, 2107 - Água Verde
CEP 80250-100 | Curitiba | Paraná
Tel.: 41. 3253 4732 | www.escoteiros.org.br